Entre o saber e o ser, o 'saber fazer' como escolha

Beatriz Elena Maya Restrepo

Geralmente utilizamos como uma afirmação o que Lacan nos pergunta no *Seminário – livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977): "em que consiste a demarcação que é a análise? Seria isso identificar-se ou não, tomando suas garantias de uma espécie de distância de seu sintoma?"[1]. Aí mesmo, ele adianta que o sintoma é o que se conhece, sendo sobre esse ponto, o "conhecer", que centra sua hipótese. Propõe, cito, "saber o que fazer ali com seu *sinthoma*, esse é o fim da análise"[2]. Responder sua pergunta implica, então, decompor sua frase em duas partes: "o que significa o saber fazer?" e "de que sintoma ele fala?"

[1] Lacan. *O Seminário – livro 24: L'insu que sait* (1976-1977) (Inédito, aula de 16 de novembro de 1976).

[2] *Ibid.*

Do meu ponto de vista, essas duas proposições estão ligadas por uma noção que atravessa toda a obra de Lacan, a de *traço unário*. Desde o *Seminário – livro 9: A identificação* (1961-1962), seu estatuto é o de letra, daquilo que faz a diferença entre um significante e outro. O seminário de 1961-1962 se atualiza no de 1976-1977, para ligá-lo à função da nominação e da escritura, após o passo do *Seminário – livro 19: ...ou pior* (1971-1972), pelo qual Lacan toma o traço unário para deixar a noção de identificação ligada a uma concepção do igual e entendê-la como diferença, indo na direção contrária do que Freud introduziu como lógica do Todo, ou seja, a identificação tomada como 'mesmidade', como 'fazer-se igual'. Isso explica por que Lacan não volta a falar da dupla alienação-separação, mas apenas de alienação: trata-se de alienar-se no Outro em um significante que dá ao sujeito, paradoxalmente, um momento único que lhe permite a diferença, não reconhecida pelo neurótico, mas conquistada no processo da análise. Um significante-traço que é o mesmo sujeito e que, subtraído do conjunto "todos", descompleta-o e introduz um não-todo. É por isso que, a partir do *Seminário – livro 19*, vige o traço nomeado como "há um" ("y a de l'un"), ou seja, há uma passagem do unário ao Uniano que marca a contribuição de Lacan para além de Freud, mas não sem Freud. Dito de outro modo, Lacan introduz o traço na lógica do zero e do um, por meio da qual nos conduz à explicação da inexistência como algo, isto é, como algo que se marca com o zero. Assim, o zero é o número que marca a inexistência como existente, levando-o a afirmar: "*nada* de uma necessidade lógica que se manifesta por

uma repetição"[3] a partir do Um, *nada* que marca a inexistência como condição da existência que origina o traço.

Da lógica Lacan passa para sua topologia, com a qual *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976) nos dá o traço como *reta infinita*[4], "pelo fato do nó borromeano ter dado outro suporte a esse traço unário; por isso, em minhas notas, escrevo RI. RI são iniciais que querem dizer reta infinita", um Um inicial, para fazer do sujeito escritura, já que o nó em sua combinatória é a escritura de uma marca que circunda um furo. Escritura que se pode entender tomando o traço como risco, como traçado, como impressão que tenta circunscrever algo, um furo *nada* que chamamos objeto *a*, e que podemos escrever *f(a)*, no qual a variável pode ser ocupada por alguns objetos parciais imaginários que caem quando o traço se desvela no fim da análise, deixando um buraco em hiato, bordeado pelo traço que, na condição de risco traçado, faz corte sobre o real do corpo.

Não se trata, então, de uma variação caprichosa de escritura quando se vai do sintoma ao *sinthoma*. Trata-se de um nome novo para o que aparece no final da análise. Do sintoma do início, o das formações do inconsciente que busca sentido e se situaria do lado do penso, ao outro, o *sinthoma* como efeito de rasura, de apagamento do primeiro, a saber, do recorte de sentido depois de um amplo trabalho de ida pelos edifícios da metáfora, da metonímia e de um retorno no processo que Lacan chama "demarcação da análise", até chegar à origem, à causa que se faz letra, número, Real; aqui, o *sinthoma* está do lado do ser. Em sua proposição do final, a expressão de Lacan "conhecer o sintoma" pode, portanto, ser entendida como a demarcação de um lugar, um deslocamento topológico marcado zero com o movimento da reta infinita ou traço unário.

Em outras palavras, o traço unário ou reta infinita para fazer um nó do falso furo do simbólico e do sintoma neurótico, isto é, passar do sintoma ao *sinthoma* que dá consistência ao nó, para que esse subsista borromeanamente[5]. Isso se dá porque o traço na ordem da articulação significante S_1–S_2 faz sintoma, porém, na análise, trata-se de soltar os nós pouco a pouco, de rasurar o sentido até isolar o S_1 primordial. O traço unário com o qual se poderá, ao fim, eleger um enodamento diferente, fazendo desse traço um *sinthoma* com o qual se nomeia cada sujeito.Trata-se, assim, de fazer corte e iniciar um fazer com a letra, que implica necessariamente um ato criativo com o que de mais singular lhe aporta seu traço.

Passamos do sujeito da representação na cadeia significante para o sujeito que se sustenta na cadeia borromeana:

[3] Lacan. *O Seminário – livro 19: ...ou pior* (1971-1972) (Inédito, aula de 19 de janeiro de 1972).

[4] Lacan. *O Seminário – livro 23: o sinthoma* (1975-1976) (Inédito, aula de 11 de maio de 1976).

[5] *Ibid.*

consistência (I), furo (S) e existência (R) enodados pela nominação equivalente ao sinthoma. Entre as três identificações necessárias nomeadas por Freud, o traço unário dá a consistência que bordeia todo o nó, e que no neurótico tem orientação que é dada pela repetição do traço que leva ao sintoma. É possível, contudo, dar-lhe outra orientação no tratamento, valendo-se do que permite a reta infinita, passível de ex-tirar, escrito com *x* por equivaler a tirar no sentido de despojar o Outro de algo que o levará a ex-sistir na realização do novo, segundo a repetição kierkeggardiana, "a única a ser necessária" no *sinthoma*, isto é, o traço como significante reiniciará um movimento que constituirá a consistência simbólica de um furo do ser sobre o qual apenas se poderá saber como *dizer do traço* na construção ou criação de algo novo na ordem simbólica, do qual cada sujeito dará conta em seu estilo e, se o quiser, testemunhará no passe. Ao cartel caberá verificá-lo, "saber"[6] encontrar a marca levada como conseqüência da demarcação que foi a análise no desejo do analista no final, que ocupará ou não a cadeira do analista por meio da qual poderá ser nomeado AE.

Nesse mesmo *Seminário – livro 23: O sinthoma* Lacan propõe Joyce como modelo dessa identificação com o traço. Por que Joyce como modelo? Saber fazer ali com a letra quer dizer bordear o furo com o traço que nele, proponho, seja o "filho necessário" fisgado por Lacan como o que não cessa de se escrever, que faz sinthoma nele, "o *si-malo* do *sin-ptoma* donde Joyce, em Stephen Dédalus, reconhece-se como filho necessário, o que não cessa de se escrever"[7], "uma voz do filho, portadora, justamente, de um certo saber-fazer sobre o significante"[8]. É a partir do traço que Joyce cria; saber fazer com seu traço, cuja repetição tece a consistência imaginária que na falha, na falta – escritura feita com o "um encarnado na *alíngua*"[9], posto que despojado de qualquer intenção de significação ou de sentido – bem trabalha, no entanto, em seu estatuto de letra. Trata-se de um "saber fazer com a letra" para fazer-se ele mesmo um *sinthoma*, para Ser um *sinthoma*, para, aí, nomear-se. Para o analisando, também se trata de um saber fazer ali com...? O que é o ali? O lugar para onde irá seu Ser marcado por um *a* unido a um traço, uma união construída por Lacan com base na série de Fibonacci[10]. Da mesma maneira que a noção de "número de ouro", desenvolvida no *Seminário – livro 14: A lógica da fantasia*[11], lugar de uma perda em que ele, no *Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, assinala valendo-se da repetição do traço. O número de ouro nos mostra o *a* e, então, o Ser como uma função de incomensurabilidade que permite entender "a realização subjetiva ao cabo da tarefa analítica", quer dizer, no final da análise.

[6] Lacan. Note italienne (1973/2001, p. 308-9).

[7] Lacan. Joyce el síntoma II (1975/1997, p. 12) e *O Seminário – livro 23: o sinthoma* (1975-1976) (Inédito, aula de 13 de janeiro de 1976).

[8] Lacan. *O Seminário – livro 23: o sinthoma* (1975-1976) (Inédito, aula de 20 de janeiro de 1976).

[9] Lacan. *Le Séminaire – livre 20: Encore* (1972-1973/1975, p. 173).

[10] Lacan. *O Seminário – livro 16: Do Outro ao outro* (1968-1969) (Inédito, aulas de 22 e 29 de janeiro, 5, 12 e 26 de fevereiro, e 11 de junho de 1969).

[11] Lacan. *O Seminário – livro 14: A lógica da fantasia* (1966-1967) (Inédito, aulas de 1º e 8 de março, e 19 de abril de 1967).

Desse modo, $f(a)$ é um lugar que causa o ser, circunscrito pela letra do traço. No fim da análise, é com esse furo, mas também com o traço-letra que se fará algo. *Saber-fazer-ali-com*, quatro palavras para um só significante. O que se sabe? O S_1 do traço, saber inconsciente que opera pela repetição, saber da letra, um saber distinto do escrito como aquilo que assinala o sentido. E o fazer? Implica um ato, para alguns, o analítico, fazer com o furo circunscrito do *a*, ou seja, saber operar como causa para outro, como agente de um processo novo. "O ensino? Trata-se de provocar nos demais o saber fazer ali, quer dizer, desembrulhar-se nesse mundo que não é um mundo de representações, mas sim um mundo da burla, da fraude"[12]. "Saber-fazer-ali-com, esse é o final da análise", diz Lacan. Trata-se do saber fazer com a letra do S_1, saber que não há possibilidade de um sentido S_2 para a constituição do Ser do sujeito, que o discurso analítico produz S_1 e também que o S_2 pelo qual se nomeia a verdade como um sentido não passa de uma burla, de uma fraude. Reconhecer aí o fazer de seu traço-*sinthoma* é o que dá consistência ao furo da castração, um ato homólogo ao de Joyce. Isso quer dizer que, no fim da análise, tornamo-nos não escritores de obras, literatos, mas sim escritores operantes com a letra do inconsciente sustentados por ele. Ser analista é identificar-se com o *sinthoma*, é ser o *sinthoma*, letra *a* que causa, com um S_1, o movimento criativo, única maneira de entender a expressão: "o psicanalista não pode conceber-se de outro modo que como um *sinthoma*", furo do qual se suporta a hipótese do inconsciente. Furo do Nome-do-Pai. Cito: "É nisso que a psicanálise, tendo êxito, prova que se pode também prescindir do Nome-do-Pai. Pode-se muito bem prescindir dele sob a condição de servir-se dele"[13]. Furo, portanto, construído do movimento da reta infinita, que do falso furo da união do sintoma com o símbolo faz furo real.

Voltemos a *ali*. O sujeito tratado como *parlêtre*, que faz uso de *alíngua*, quer dizer, do traço, é um eco do que Heidegger propõe à abertura do Ser. Por isso, não se espera um "sou isso" impossível, exceto como "lá, aí, ali, do ser" que o traço dá como furo que circunscreve o que do ser não se tira, dimensão (*ditmension*) ou mansão do dito que se mostra no "sou um" ("*y a de l'un*") como princípio do dito, mas, no final, já sem outro que oferte o S_2 para fazer sentido junto ao S_1. Já não se trata do sujeito da representação, mas sim do sujeito que se sabe sustentado na consistência de um significante que suporta o furo do Simbólico e a existência do Real, todo Um no corpo que goza do Um fálico, marca da não proporção sexual, ex-sistência Real.

[12] Lacan. *O Seminário – livro 24: L'insu que sait* (1976-1977) (Inédito, aula de 26 de fevereiro de 1977).

[13] Lacan. *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976), (Inédito, aula de 13 de abril de 1976).

> Em alguma parte, fisga-se esse algo que o *cogito* apenas assinala, também com o traço unário, que pode sobrepor-se ao *eu penso* para dizer – *logo sou*. Aqui já se marca o efeito de divisão, com um *eu sou* que elide ao *eu estou marcado pelo um* – (...) esse "*logo sou*" é um pensamento. (...) Sustém-se infinitamente melhor porque possui sua característica de saber, que não vai além do "eu sou marcado pelo um", pelo singular, pelo único. De quê? Desse efeito que é "eu penso".[14]

[14] Lacan. *El Seminario – libro 17: El reverso del psicoanálisis* (1969-1970/1992, p. 166).

No final da análise, portanto, reconfirma-se a escolha já realizada de um traço não como resignação passiva, e sim como entrega a uma nova resignação: escolha que trata do fazer com a letra do traço unário, do Uniano, que leva à absoluta diferença, fazendo-se necessário o reconhecimento de uma escolha inicial que leva a uma segunda escolha do final.

Para Lacan, a torção do traço como reta infinita proporciona uma ida e vinda, fazendo um oito que molda um furo pela via de um dizer último. Trata-se de uma torção que implica passar do dizer ao campo do olhar, permitindo suspeitar do que há por trás: o furo que constitui o objeto *a*, o ato em que o sujeito está só, despregado do Outro, desesperançado de uma resposta impossível, encontro com o Real.

Entre o traço unário de Freud, que faz massa, e o "há do um" de Lacan, a diferença está na particularidade que permite localizá-lo como função matemática. Do haver ("Il y a de l'un") ao Ser ("Je suis marque du Un") obriga-se o passo do imaginário, do traço ao Real do Um, *Aleph* zero[15], nome do furo, do qual, outrora, extraiu-se sentido. Chegados ao final, saber-fazer-ali-com, nesse furo, com o traço Um-letra que o circunscreve e à luz do qual tomar-se-á a opção criativa *faça um significante novo* que implica o nome próprio ou um *saber-ser-ali*, que, tal qual Joyce, fabrica-se no *sinthoma*. Trata-se, então, de ir do haver ao ser passando pelo fazer.

[15] Lacan. *O Seminário – livro 19: ou pior* (1971-1972) (Inédito, aula de 15 de março de 1972).

Identificar-se com o *sinthoma* comporta o fazer com a identificação fundamental, a identificação maior que é o traço unário, como a nomeia Lacan no *Seminário – livro 17*, ao articular, dessa maneira, as outras duas identificações: a primeira, com o Nome-do-Pai, e a terceira, a identificação histérica; nó de identificações, nó que faz sujeito.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 14: A lógica da fantasia* (1966-1967). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 16: Do Outro ao outro* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *El Seminario – libro 17: El reverso del psicoanálisis* (1969-1970). Buenos Aires: Paidós, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 20: Encore* (1972-1973). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1973). Note italienne. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1975) Joyce el sínthoma II. In: *Uno por Uno*. Eolia: Barcelona, 199.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Inédito.

resumo

Este trabalho explora a proposta de Lacan apresentada no *Seminário – livro 24: L'insu que sait...* sobre o final da análise como identificação com o sintoma, oscilando entre duas vertentes: uma sob a perspectiva de destituí-lo de sentido e outra como "um saber fazer com". Lacan propõe que tal enunciado se refira a uma nova escolha, a escolha de 'fazer com a letra' do 'traço unário', do 'Uniano, uma condução à diferença absoluta, em que se torne necessário o reconhecimento de uma escolha inicial que, no fim da análise, leva a uma segunda escolha. O texto, então, mostra como sintoma e traço unário se unem pela topologia, propondo-se discutir a noção de identificação do lugar do mesmo com o lugar da diferença absoluta ou da particularidade.

palavras-chave

traço unário, Uniano, *sinthoma*, identificação, reta infinita

abstract

This text explores Lacan's proposal of the *Seminar – book 24: L'insu que sait...* about the end of analysis as identification to the symptom between untangling it from its sense and a "know how to do with", and suggests that such enunciation talks about a new election which deals with the trying to do of the *unary trait's* letter, from the *Unien* that leads to the absolute difference, becoming necessary the recognition of an initial election that leads to a second election at the end of analysis. It shows how the *sympthome* and the unary trait join together due to the topology. The text carries the notion of identification with the place of the equal to the place of the absolute difference or particularity.

key words

unary trait's, Unien, sympthome, identification, infinite straight line

recebido
17/01/2006

aprovado
28/02/2006